

“O Banheiro do Papa” e as Geografias Possíveis de Serem Ensinadas

Thiago Albano de Sousa Pimenta

Doutorando da Pós-Graduação de Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados

Professor-Coordenador Pedagógico da Rede Estadual de Ensino do Mato Grosso do Sul

thiagoge@yaho.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre algumas possibilidades de se pensar as geografias que o cinema pode suscitar. No caso da obra cinematográfica analisada, “O Banheiro do Papa”, há um conceito que perpassa de forma mais acentuada, que é o conceito de fronteira. Pensamos que articular este conceito, com o que podemos agenciar no filme, atrelado com alguns pensamentos e leituras pode ser fato muito enriquecedor.

Sabemos que a Geografia se estabelece como uma disciplina científica dentro de uma rigidez metodológica e conceitual que pode inibir a criatividade de pensar a diferença. Queremos refletir sobre a não necessidade do ensino de Geografia de adentrar neste ciclo recalcante, conservador, e permitir refletir sobre outras possibilidades de pensar o ensino da linguagem geográfica. Gostaríamos de contribuir na ampliação das análises de Geografia. Neste sentido, de uma maneira ou de outra, iremos falar sobre as fronteiras da nossa disciplina e como às vezes estas “demarcações” impedem a Geografia olhar para outras áreas do saber e captar as contribuições possíveis no diálogo.

Alguns autores, geógrafos ou não, serão colocados neste texto de forma a entender as concepções que giram em torno dos conceitos levantados, como ensino, Geografia, cinema, fronteira, etc.

A análise do filme uruguaio *O Banheiro do Papa* (direção: César Charlone e Enrique Fernández; 97 minutos; produção: Uruguai, Brasil e França), vem como forma de dialogarmos com os elementos que perpassam o filme que nos permite pensar geograficamente as questões ali expostas. De certa forma, a nossa opção pela análise fílmica também partilha da posição de abrir a Geografia para a análise das geografias contidas na arte, sabendo que o cinema articula (em suas formas e textos) uma série de

elementos espaciais, muitas vezes negligenciados pelo pensamento mais tradicional da Geografia.

PARTE 1

Aqui estamos buscando criar uma experiência que envolva ensino de Geografia e Cinema. Não queremos fazer do cinema, das criações que envolvem os recursos audiovisuais, formas de representação dos conceitos já dados pela Geografia. Queremos pensar o cinema como linguagem que permite dizer, fazer sentir, outras coisas para além da linguagem geográfica, ou seja, como o cinema diz sobre os fenômenos que acontecem, os quais a Geografia ainda não pode dizer através da sua linguagem.

Quando nos utilizamos do cinema para suscitar pensamentos espaciais, fazemos como estratégia para potencializar que as geografias (em minúsculo), possam ser apreendidas pela nossa “visão geográfica”. E neste sentido, quando somos forçados a uma situação não típica, sem os cacoetes comuns do linguajar da Geografia, agenciando as imagens cinematográficas, podemos fazer o pensamento pensar.

Fazer o pensamento pensar é desterritorializar¹ a forma como pensamos, é ao desestruturar os elementos que norteavam o seu pensamento e fazer pensar de outra forma, que não seja apenas pelo reconhecimento (que era feito a partir dos elementos que eram utilizados para nortear o pensar). O movimento de desterritorialização exige uma posterior reterritorialização, uma ressignificação que busca novos elementos para nortear um novo pensar. A criação artística, como é o cinema, nos serviria como dispositivo de deseterritorialização do pensar.

E como o nosso trabalho se volta para o ensino de Geografia, afirmamos que o nosso intuito é fazer pensar. Assim, não nos vale que o aluno saia “papagaiando o geógrafos” por nós criado, esse aluno reproduz o pensamento já criado, um pensamento morto. O que nos vale é criar, é potencializar criação, é movimentar os conceitos, é fazer da aula um acontecimento que permite o aluno sair da sua zona de conforto, que

¹ Os conceitos de desterritorialização e reterritorialização utilizados neste texto são advindos do pensamento de Deleuze e Guattari, neste sentido, todo processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização necessita de agenciamentos. Para ilustrar esta afirmação citaremos Rogério Haesbaert e Glauco Bruce que se apoiam nos filósofos lembrados acima: “O território é um agenciamento. Os agenciamentos extrapolam o espaço geográfico, por esse motivo o conceito de território dos autores é extremamente amplo, pois, como tudo pode ser agenciado, tudo pode ser também desterritorializado e reterritorializado.” (2002, p.12-13)

lhe permita pensar como não havia pensado. Fazer as minoridades e as multiplicidades acontecerem numa aula.

Pormenores, quase imediatos: haverá expressão melhor para indicar o cotidiano escolar, região de fronteiras, de encontros e desencontros, de chegadas e partidas? Para além do pensar como generalização, importa-nos pensar o cotidiano escolar como *pormenores, quase imediatos*, como multiplicidade de temas *menores*, de aspectos menores, que, em sua minoridade, produzem os acontecimentos cotidianos. Importa-nos pensar o cotidiano escolar como espaço-tempo intensivo dos acontecimentos educativos, como possibilidade de resistência e de criação. (GALLO; FIGUEIREDO, 2015, p.29)

Neste sentido, nos propomos a pensar e a potencializar estes acontecimentos a partir dos filmes. E aqui utilizaremos o cinema e, mais especificamente, a obra cinematográfica “O Banheiro do Papa”.

PARTE 2

Nos últimos anos observamos uma abertura da Geografia para pensar outras questões, que em tese, estavam fora do seu arcabouço de análise em tempos atrás. Os estudos culturais, o diálogo com a arte e outros saberes veio neste sentido acrescentar outras perspectivas para a ciência geográfica. Percebemos que estes estudos têm cada vez mais espaço nos debates geográficos e isso nos traz um questionamento: Estamos nos tornando os novos “estabelecidos”? Se for assim, então, temos que traçar novas rotas de fuga.

Fugir e fugir. Não queremos ser incorporados pelas normas e diretrizes do que dizem ser a ciência geográfica. Temos que ser rápidos e nos propomos a pensar a Geografia na sua atualização, nos dizer as geografias que nos atravessam e que não são ditas pela Geografia oficial. Então, não nos cabe dizer o que já foi enquadrado, normatizado e selecionado como integrante do discurso oficial da Geografia.

As estruturas de poder, capitalistas ou não, por vezes nos distanciam do movimento que cria espaços novos, mas é sempre importante valorarmos as linhas de fuga, como os diálogos possíveis entre ciência e arte, colocando a multiplicidade como condutora que força pensarmos mais as relações, do que aquilo que está dado. (PIMENTA, 2014, p.99)

E aqui não estamos para fazer uma espécie de profetização. Não estamos aqui para falar como a Geografia deve ser, como ela deve pensar. Não queremos nos rotular como inovadores, pós-modernos, ou qualquer outro rótulo pretensioso. Apenas estamos propondo dialogar com outros saberes não-científicos, como a arte cinematográfica, para tentar nos aproximar das geografias pensadas na cotidianidade.

Ser criativos e experimentar outras formas de ensino. Proliferar sentidos e pensamentos, forçando-os a acontecer. Criar linhas de fuga para que possamos fazer diferente, não repetir as velhas fórmulas falidas. Buscar criar condições para que o que está “fora” possa ganhar consistência, ser atualizado em diferentes linguagens, inclusive a geográfica.

São essas definições que solicitam e dão sentido a constituição dos conceitos de “signo” e de “fora. Ao invés de apoiar-se em princípios, o pensamento é solicitado por signos. Ao invés de ter a garantia de Verdade, o pensamento torna-se necessário quando, forçado, dá consistência a seu fora (...) O signo não é uma aparência nem tampouco uma aparição, é um sintoma que encontra seu sentido em uma relação de forças. Com esse conceito, Deleuze evita a dualidade metafísica da aparência e da essência, o par aparição/condição da aparição característico do idealismo transcendental e a relação “científica” de causa e efeito. O signo, como expressão de uma coexistência de forças em combate, resulta de um acaso de uma multiplicidade de forças em devir. Como sintoma, o signo é um “objeto” portador de problema. Nessa medida, como efeito de relações de forças e de portador de problema, todo signo envolve uma coexistência de sentidos. (ABREU, 2007, p. 91)

Abrir espaço para pensar as geografias cotidianas, que muitas vezes os filmes expressam com outra criatividade/sensibilidade, que difere da nossa linguagem científica, é uma forma de ampliar as possibilidades para a Geografia. Queremos romper com certas fronteiras da nossa disciplina, criticando a postura que visa codificar o que é e o que não é, num pensamento ou é assim ou é “assado”. Queremos dialogar com o pensamento de Deleuze e Guattari (1995) que nos propõe pensar na forma e.e.e.e.² (a Geografia é econômica e cultura e antropológica e ecológica e política e.e.e.e.), sempre

² Na contracapa do livro *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia vol. 1* – de Deleuze e Guattari (1995), há uma frase que sintetiza a concepção de pensamento rizomático, neste sentido os filósofos escrevem: “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, contracapa)

ampliando as possibilidades de análise ao invés de reduzir, reproduzindo a forma de pensamento ou, ou (ou é isso ou é aquilo).

PARTE 3

A nossa proposta de aproximação entre ciência e arte se dá no diálogo com o filme “O Banheiro do Papa”. Pensamos que o filme tem uma capacidade ímpar de dizer sobre as relações sociais e nos sensibilizar para algumas questões. No caso deste filme há uma relação entre os personagens onde o aspecto da fronteira Uruguai-Brasil é muito importante, “movimentando” a vida destes sujeitos.

O cinema tem uma linguagem própria no sentido de que o seu processo de filmagem, montagem e roteirização expressa uma possibilidade única de dizer sensações, desejos, ideias, etc. com base em Imagens-movimento e Imagens-tempo³. Deleuze (1985; 1990) faz uma conceituação da linguagem cinematográfica, correlacionando com a semiótica de Pierce para uma interpretação filosófica do cinema.

Neste sentido, quando optamos pela análise fílmica, optamos também por nos aventurarmos em outra linguagem para dialogar com esta, possibilidades outras de se pensar as fronteiras (dialogando com outros “territórios” do saber). De certa forma, os filmes mostram traços e ângulos do senso comum, de uma subjetividade coletiva pensada a partir da sua prática. Se pensarmos que a ciência por vezes se dedica a subjugar qualquer elemento que carregue o senso comum em seu discurso, a linguagem cinematográfica acaba por ser desqualificada pelo seu valor “descritivo” de concepções e conceitos que dizem sobre as relações sociais (com exceção a filmes figurativos que “ilustram” algumas concepções e discursos hegemônicos da ciência). A respeito do caráter modernizador da ciência enquanto monopolizadora do discurso da verdade (subjugando o senso comum inclusive), Maffesoli argumenta:

³ Deleuze nos livros Cinema 1 e 2, articula seu pensamento filosófico na criação de conceitos para o entendimento da linguagem cinematográfica. Aqui optamos por uma citação presente no livro de Deleuze Conversações (2004), pois nesta passagem ele explica um pouco das diferenças entre os dois principais conceitos articulados nos livros (Imagem-movimento e Imagem-tempo): “O cinema sempre contará o que os movimentos e os tempos das imagens lhe fazem contar. Se o movimento recebe sua regra de um esquema sensório-motor, isto é, apresenta um personagem que reage a uma situação. Então haverá uma história. Se, ao contrário, o esquema sensório-motor desmorona, em favor de movimentos não orientados, desconexos, serão outras formas, devires mais que histórias.” (DELEUZE, 2004, p.77)

Ora, permanecendo no mesmo registro pode-se lembrar que o senso comum participa, em boa parte, do "regime noturno". Isso quer dizer que ele integra aquilo que, de diversas maneiras, foi denominado a parte sombria, o "instante obscuro" (Ernest Bloch), a "parte maldita" (Georges Bataille) de que está impregnada a natureza humana. É isso, aliás, que o torna suspeito à intelligentsia moderna, que tomou por vocação brandir o "áureo gládio" da razão, a fim de perseguir o obscurantismo em todos os domínios da vida individual e social. Ora, a vida empírica está aí para mostrar que, ao lado da razão, a paixão ou a emoção ocupam um lugar inegável; pode-se até dizer, um lugar cada vez mais importante. (MAFFESOLI, 1998, s/p)

Nesta citação o autor argumenta a respeito do significado construído sobre o conhecimento do senso comum como algo sombrio, obscuro, que oculta a verdade. Isso, de certa forma, era parte da subjugação discursiva que o senso comum era alvo (e as suas manifestações, como por exemplo, a arte) na tentativa do discurso científico em exercer o monopólio da verdade.

Assim, é perceptível que há o acirramento das fronteiras discursivas, no qual o próprio discurso científico fortalece a sua fronteira (estabelecendo a sua identidade, como monopolizadora do saber erudito, consolidando o seu território) e se afasta dos conhecimentos da vida cotidiana. Outra forma de denominar esta fronteira do saber é dita por Boaventura de Souza Santos que argumenta que a constante afirmação da ciência como discurso da verdade se dá no fortalecimento do pensamento abissal:

No campo do conhecimento, o pensamento abissal consiste na concessão à ciência moderna do monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso, em detrimento de dois conhecimentos alternativos: a filosofia e a teologia. O caráter exclusivo deste monopólio está no cerne da disputa epistemológica moderna entre as formas científicas e não-científicas de verdade. (SANTOS, 2009, p.25)

Boaventura de Souza Santos mostra este acirramento das fronteiras do saber, cujo monopólio da caracterização da verdade está centrado no discurso científico. Assim, podemos perceber que a linguagem científica se torna hegemônica para a compreensão da verdade, também sendo símbolo de poder. Enquanto as linguagens não científicas se secundarizam como formas de expressão do mundo, há um grande afastamento entre linguagem científica e a prática das outras linguagens.

Talvez estejamos num contexto que nos força a criação de novas formas de se fazer ciência. A globalização, as novas relações de trabalho, o crescimento da influência midiática na formação cultural dos sujeitos, as problemáticas socioambientais tão discutidas atualmente, tudo isso nos mostra que o mundo se transformou a tal ponto que exige da linguagem científica um movimento para a criação de novas possibilidades analíticas. Cabe ressaltar também que, por exemplo, o próprio crescimento da mediação imagética nas relações sociais, fez com que a ciência se movimentasse para compreendê-la melhor. Neste sentido, há uma movimentação mais nítida de aproximação das diferentes linguagens. Para finalizarmos este item optamos em expor uma citação de Maffesoli, apresentando elementos que nos motivam a analisar alguns aspectos da cultura (no nosso caso a linguagem cinematográfica), como forma de melhor compreensão da multiplicidade.

É esse inconsciente coletivo, cujo descrédito ainda é de bom tom proclamar, que constitui a ossatura do senso comum. Ele é como um tipo de substrato mítico que transpira, de diversas maneiras, por todos os poros do corpo social. Ele constitui a experiência do vivente que se enraíza longe na memória da humanidade. Uma boa maneira de tomar consciência dele é referindo-se ao ressurgimento do mundo imaginal, à intrusão das imagens que não são, de modo algum, novas, mas remetem todas para arquétipos dos quais se está mais ou menos consciente. Análises sobre a publicidade, sobre a televisão, sobre os vídeos, para não mencionar senão alguns exemplos, mostram bem tudo o que os mais banais estereótipos devem aos arquétipos de que se acaba de tratar. É nesse sentido que o mundo imaginal, que é vão estigmatizar ou denegar, é uma expressão do senso comum. Ele induz uma nova arte de viver, que repousa menos sobre a faculdade produtiva do que sobre a faculdade receptiva. Aquela se pretendia geral, universal, e tinha por ambição dominar o mundo, alcançar a mestria do ambiente natural e social. Esta, ao contrário, aspira ao particular e se contenta com uma vida emocional ou afetual compartilhada entre poucos. A ambição dessa nova arte de viver é um tipo de contemplação daquilo que é, uma estetização da existência. (MAFFESOLI, 1998, s/p)

INTERSEÇÃO

O exercício de análise que faremos é um em diversos possíveis. Um olhar sobre o filme buscando englobar a multiplicidade de elementos que o filme introduz, pensando também que há uma multiplicidade de olhares⁴ que se tem sobre o filme.

Este exercício, que é um entre os diversos possíveis, é uma das aproximações que podemos fazer, de introdução de *insights*, de falas, a partir da reprodução do filme numa aula. Aqui queremos trazer um exemplo de possibilidade da aproximação entre cinema, ensino e geografias. Assim, o que iremos discorrer sobre o filme não necessariamente é aquilo que pretendemos ativar numa aula. Mas este exercício serve para criar potências de aulas. Criar linhas de fuga.

Cada professor de Geografia (ou de outras disciplinas) pode fazer este exercício e agenciar, roubar elementos do filme que possibilitem forçar pensamentos, devires.

PARTE 4

O Banheiro do Papa (2007; direção: César Charlone e Enrique Fernández; 97 minutos; produção: Uruguai, Brasil e França) é um filme que nos provoca a refletir sobre a vida na fronteira. O filme se passa na cidade uruguaia de Melo, fronteira com a cidade brasileira de Aceguá, Rio Grande do Sul. O núcleo principal do filme é a família de Beto, sendo composta por sua esposa, Carmen e sua filha Sílvia. Beto é um contrabandista (ou sacoleiro) que compra mercadorias baratas no Brasil para revendê-las no Uruguai, o seu país.

As tensões são constantes no filme, existe entre o personagem principal, Beto, e os seus companheiros sacoleiros, a necessidade de criar estratégias “anti-Estado”, no sentido de fugir da fiscalização de fronteira. O posto fiscal é o *locus* do poder, da instituição, da demarcação, é onde se separa o que é do que não é, e é este o lugar que deve ser evitado pela rota dos sacoleiros (na cena inicial, o contato entre os sacoleiros e o alfandegário). Evidente que os sacoleiros não querem correr o risco de serem pegos e tomarem prejuízos, mas eles evitam passar por ali também porque não querem ser humilhados como são muitas vezes que ali passam (os homens da farda, da alfândega,

⁴ Aqui estamos usando o termo multiplicidade, dialogando também com a geógrafa Doreen Massey (2008), quando ela utiliza o termo para compreender o espaço “como a conjunção de múltiplas trajetórias de histórias até agora”.

abusam de seu poder e sempre quando podem se colocam em um degrau acima daqueles “vagabundos” sacoleiros, que os “infernizam” cotidianamente).

A família de Beto é pobre, não difere muito das outras famílias que ali vivem próximas. Sem muita condição de encontrar outra forma de sobrevivência, Beto busca rotas de deriva⁵ na sua “vocação” aduaneira. Ele sorri com Negro (seu amigo e também sacoleiro), sonhando muitas vezes (como sonham em trocar a bicicleta pela moto), criando rotas imaginárias para resistir ao sofrimento. O seu sonhar é produto da sua condição, onde muitas vezes o sonho é fuga da realidade dura vivida ali. Mas brincam, como na cena em que ele e Negro disputam uma corrida de bicicleta, na qual Beto sai machucado. Nem mesmo machucado pode-se parar, ao contrário, a vida continua e os fardos se tornam ainda mais pesados.

A fronteira para Beto é o seu sustento, “é de onde” ele tira proveito e reproduz a vida cotidiana. As ruas de terra, as casas-barraco, as crianças dispersas e os homens farrapo são parte da paisagem de Melo. Ali a sensação é de que o Estado só está presente para “coitar” com os pobres sacoleiros, então, não há outra maneira de viver, sem ser a de burlar, de criar estratégias para fugir do controle do Estado. As rotas nos campos são alternativas para fugir dos caminhos do posto fiscal.

Do lado brasileiro, em Acaguá, as imagens são mais limpas⁶. Os lugares estão mais pujantes, as ruas, comércio e casas são mais organizadas, ali é o caminho⁷. É dali

⁵ Ana Godoy, em seu livro “A menor das ecologias” (2008), utiliza a palavra “deriva” como ato de fuga dos caminhos marcados pela organização social hegemônica, descaminho das rotas estabelecidas. Ela argumenta que derivar é inventar não-rotas, descaminhar, é criar arquipélagos ao invés de continentes, é ser nômade e não Estado e afirmar a potência da invenção, da variação que é a vida.

⁶ Neste ponto de vista, citamos a obra “Os estabelecidos e os outsiders” de Nobert Elias e John L. Scotson, quando aborda a questão da imagem que os estabelecidos colocam pra si é de limpeza e organização, e a imagem que eles nutrem dos “outros” é de sujeira e desordem: “Os grupos estabelecidos que dispõem de uma grande margem de poder tendem a vivenciar seus grupos outsiders não apenas como desordeiros que desrespeitam as leis e as normas (os leis e normas dos estabelecidos). mas também como não sendo particularmente limpos. Em Winston Parva, o opróbrio da imundície ligado aos recém-chegados era relativamente brando (e justificado quando muito. na caso da "minoría dos piores"). Não obstante, as famílias antigas nutriam a suspeita de que as casas "deles", e especialmente as cozinhas não eram tão limpas quanto deveriam ser. Em quase toda parte, os membros dos grupos estabelecidos e, 'mais' até, os' dos grupos que aspiram a fazer pane do establishment, orgulham-se de ser mais limpos, nos sentidos literal e figurado, do que os recém-chegados e, dadas as condições mais precárias de muitos grupos outsiders, é provável que tenham razão com frequência. O sentimento difundido de que o contato com membros dos grupos outsiders contamina. observado nos grupos 'estabelecidos, refere-se li contaminação pela anomia e pela sujeira. misturadas numa coisa só.” (2000, p.29)

⁷ Mas também é visível, na cena em que Beto vai ao centro de Melo no Uruguai procurar pedidos de comerciantes (pedidos de mercadorias contrabandeadas), que as casas são mais estruturadas, as ruas mais limpas, o lugar aparenta ser mais organizado do que a vila de Beto. Neste sentido podemos falar das fronteiras que há não só entre Uruguai e Brasil, mas entre o centro de Melo, no Uruguai, e a periferia da cidade uruguiaia.

que os sacoleiros uruguaios (e deve ter brasileiros neste “bolo”) tiram proveito e resistem, sobrevivendo no dia-a-dia⁸. O Brasil, neste sentido simboliza o poder, o lugar hegemônico, o *locus* da oportunidade.

Os personagens dão risadas, fazem amor (Beto e Carmem no seu quartinho sem divisória, esperando Sílvia dormir para praticarem seus atos carnavais), organizam churrasquinhos, enfim poetizam suas vidas. O filme é esperançoso e essa esperança se redobra com o anúncio da visita do Papa João Paulo II à cidade. Todos começam a se movimentar na criação de mercadorias, serviços que pudessem trazer lucros durante a visita. Uns começam a fazer salgados, outros bolo, Beto um banheiro. A criatividade de Beto vai a milhão e a sua personalidade sonhadora se coloca vibrante como nunca, criando, criando e criando imaginações para o banheiro (era quase fetiche)⁹. Sílvia, sua filha, sempre desconfia do pai, não tem uma atitude tão sonhadora assim, por isso estuda e busca se formar. Na realidade, Sílvia sonha em se distinguir daquilo ali, de sair daquele “lugarzinho” e se formar jornalista, ela cria outro sonho (tanto que resiste às pressões da mãe, que insiste que ela deveria ajudar o seu pai).

Os jornais anunciavam a visita do Papa aos quatro cantos. Mil, dois mil, cinco mil, vinte mil, 100 mil, a previsão de visitantes só crescia e fazia que todos de Melo se animassem e continuassem a trabalhar mais para se preparar para o dia tão aguardado. A esperança estava ali e as pessoas não se importavam mais se estavam gastando além da conta para este dia, ela estavam certas de que o retorno viria e que no fim sairiam felizes. Pobres sonhadores.

Quanto mais se aproximava da data esperada, mais os moradores se mobilizavam. Beto corria contra o tempo para construir o banheiro, não para ele e sua família que não sabia ao certo nem usar um banheiro, mas para os de fora que viriam

⁸ Na observação que fizemos durante o trabalho de campo da disciplina “Território, fronteira e migração” ministrado pelo Professor Jones Dari Goettert no ano de 2013 (Ponta-Porã/Pedro Juan Caballero, Aral Moreira e Coronel Sapucaia/Capitan Babo) vimos como é forte a reprodução entre os paraguaios de uma imagem de um Estado brasileiro mais forte. Neste sentido, há um movimento muito grande de paraguaios que fazem documentos brasileiros (isso não acontece com os brasileiros na mesma intensidade) para terem acesso aos serviços públicos no Brasil, que se comparado com os serviços públicos paraguaios estão mais estruturados.

⁹ Assim como o senhor Adelino, que entrevistamos durante o trabalho de campo da disciplina “Território, fronteira e migração” em Aral Moreira-MS, que quando chegou com a sua “veia” ali na fronteira com o Paraguai, começou a sua “epopeia”. Se instalou numa propriedade isolada e não havia caminho que ligassem a sua propriedade com a vila mais próxima. Mas o desejo falou mais alto e o fez lutar contra a serra e traçar um rota, uma trilha, enfim um caminho que o levasse até a satisfação do seu desejo, comprar uma pinga.

para ver o Papa. Grande papa, father, padre, es lo Beto, trabalhava duro dia-a-dia para melhorar, ou pelo menos manter a condição da sua família (com o auxílio de Carmem que fazia trabalho de faxineira), e a sua filha não o dava tanto valor. Ela preferia outras coisas que via na televisão (mas quem não?), inclusive ser jornalista. Ela se via fora, queria se identificar e se construir fora daquela identidade, então, ela tentava forjar uma identidade a partir de colagens que fazia de imagens e textos consumidos na Rádio/TV. Néstor Canclini (2004) admite que as mídias hegemônicas reproduzem (ou tentam inibir) a diversidade como discursos de minorias, neste sentido Sílvia pendia a entender a sua realidade próxima como algo menor, e que a vida exemplar que ela queria seguir só seria encontrada num grande centro, como na capital Montevideu (onde ela teria mais possibilidade de se identificar como a maioria, mostrada no Rádio e TV).

A fronteira se abre para os visitantes, para os meios de comunicação e principalmente para o Papa. Beto, coitado, nunca lidou, na sua condição, com tamanha benevolência. No seu caso, as portas sempre estão fechadas, o Estado está ali para lhe fiscalizar e ele sempre é forçado a burlar as regras e buscar outras rotas que o derivam da estrutura de controle. Ele tem que “rebolar” e trabalhar muito para lidar com a situação, não esperando que o outro venha a ser receptivo¹⁰. A receptividade é algo que o estrangeiro, o imigrantes, o forasteiro, enfim, o outro não encontra quando estão por aí. As marcações identitárias são formas de estabelecer fronteiras; Fanon (2008) descreve que esta falta de receptividade, que muitas vezes passa a ser agressividade para com o outro, se dá pelo processo de desvalorização do outro como parte da valorização de si. Neste sentido, os uruguaios/paraguaios/bolivianos/haitianos/africanos que vão ao Brasil ou os brasileiros que vão para o Japão, são forçados a se adaptar e lidar rapidamente com o idioma para se sentirem um pouco mais integrados (vestirem as máscaras da identidade hegemônica), num processo que Fanon (2008), citando o exemplo dos negros da Martinica, fala de colocar a máscara branca.

O Papa chega a Melo de helicóptero. Ele chega de cima pra baixo, vem do céu, do nada e chega, enfim, naquele recanto de pobreza. Os moradores ansiosos, esperançosos, aguardam os visitantes, que segundo a imprensa vão lotar a cidadezinha.

¹⁰ Isso também pode ser verificado na fronteira com o Paraguai, como observamos no trabalho de campo feito na disciplina “Território, Fronteira e Migração”, onde os paraguaios se esforçam, trabalham, se comprometem, enfim se empenham em falar e entender o nosso idioma, sem esperar que os brasileiros se empenhem em falar o idioma dos paraguaios para se comunicar.

Beto, na sua missão, corre, luta, sua, para chegar a tempo com a privada do banheiro. Beto tinha feito um acordo com Meleyo (alfandegário) e quando as coisas ficaram mais tensas, o alfandegário o sacaneou mais uma vez¹¹, como faz rotineiramente no posto fiscal da fronteira e pegou a bicicleta de Beto. Beto teve que seguir carregando a privada nas costas. Quando chega, percebe que os visitantes não chegaram ainda, talvez nem viessem mais, e Beto, Carmem, Negro e os outros moradores que se prepararam tanto para aquele dia tão ímpar, se depararam com a realidade dura e cruel.

Enfim, aquele povaréu prometido, vindo do Brasil, de Montevideú, da Argentina, quiçá dos “Isteitis”, não chegou e todos que os esperavam se desesperaram. Será que é praga? Será que Deus não gosta da gente? E o demônio, será que manipulou a situação para que as pessoas não quisessem ver o Papa? O que sabemos é que não havia aqueles milhares, o que havia era algumas dezenas de miseráveis que mal comiam para não gastar, xixi eles faziam em qualquer lugar mesmo, assim Beto saiu de mão abanando e Sílvia, sua filha, o viu pela TV desesperado oferecendo o banheiro para o pessoal da “multidão. Ali ela percebeu o que era aquilo, ela entendeu e chorou quieta, parece que ela precisava ver isso na TV para acreditar, para entender e foi o que aconteceu. O Papa fez o seu discurso e “vazou”, entrou na sua “nave”, que pegou voo pra nunca mais. Para esse senhor as coisas são fáceis, ele “anda” com esse negócio aí, chega nos lugares, fica falando, e no fim entra no negócio e vai embora. Isso é viver sem fronteiras, *sin fronteras, whitout borders, ohne Grenzen, senza frontiere, 国境のない*, *không biên giới, san yo pa fwontyè* (quantos idiomas o Papa fala?).

A decepção é evidente: tristeza, prejuízos e perdas. Os semblantes demonstram a sensação de nada, melancolia que representa o fim da esperança. E a fé? E o cristianismo? Nada disso importava ali, tudo isso estava distante. A própria religião

¹¹ Raffestin (1993) pensa a questão do poder como um dos fatores que media as relações sociais. O poder pode ser incorporado, por exemplo, por fatores materiais (como deter os meios de produção ou um aparato armamentista) ou simbólicos (ser uma liderança religiosa, estar vestido com roupas “exuberantes”, etc.). Meleyo quando toma a bicicleta de Beto usa do seu posto e influência de alfandegário, mesmo não estando em trabalho, como forma de persuadir o sacoleiro (refletindo a hierarquia de poder na relação entre os sujeitos). Lembramos da entrevista feita com um homem em Pedro Juan Caballero, um brasileiro que morou no Paraguai, em Puente Kijha (Departamento de Canindeyu), ele falou que era comum entre os fiscais e policiais paraguaios alegarem irregularidades de trânsito quaisquer (principalmente com os brasileiros que não conheciam ali) para angariarem um “dinheiro por fora”. Outro exemplo de como a hierarquia de poder media as relações sociais está presente o filme, quando Beto menospreza a brilhante ideia de Carmem (que propôs comprar moedas comemorativas no Brasil para serem vendidas no dia da visita do Papa, o que no fim do filme foi constatada uma grande ideia), e quando também a agride em outra cena, demonstrando que na casa de Beto ele estava no topo da hierarquia de poder, e este poder mediava as relações na família.

estabelece fronteiras, elas se constituem como marcações identitárias, afinal ser católico é rezar o terço. Mas aqueles uruguaiois de Melo, decepcionados com o contexto, não estavam pensando em rezar o terço ou ir à missa para agradecer ao bom Deus. Na tristeza, eles estavam “nem aí” para as suas identidades católicas, assim como estão “nem aí” para as suas identidades uruguaianas quando precisam do escambo na fronteira. Mas como muitos dizem, quando se está no fundo do poço, não dá pra ficar pior. E o que podemos fazer a partir daí? Sílvia demonstra o reinício quando junto ao seu pai sai para ajudá-lo na rotina de sacoleiro, enfim, ela percebe que o real é mais real do que o real que passa na TV. Agora, Beto mais que nunca precisa da ajuda de Silvia, pois até a sua bicicleta ele não tem mais. E a vida se reinicia, continua, segue e se reterritorializa.

PARA FINALIZAR

Para encerrar este trabalho, mas do que uma conclusão final, queremos fazer uma reflexão sobre as potencialidades que a nossa pesquisa suscita. Senso assim há diversos finais possíveis e interpretações sobre o filme e as noções científicas e filosóficas que carregamos. A nossa proposta de aproximação entre ciência e arte se dá no diálogo com o filme “O Banheiro do Papa”. Pensamos que filme tem uma capacidade ímpar de dizer sobre as relações sociais e nos sensibilizar para algumas questões. No caso deste filme há uma relação entre os personagens onde o aspecto da fronteira Uruguai-Brasil é muito importante, “movimentando” a vida destes sujeitos.

Este trabalho, longe de buscar modelos e fórmulas de como deve ser, tem o intuito de ser uma experimentação. Experimentar nas relações entre cinema e ensino e assim criar outras possibilidades de aula que potencialize a criação, devires, a diferença e a vida. Fazer da aula um espaço para o pensar, para a reflexão, para a criatividade. Aqui, na nossa proposta, o cinema pode ser pensado através das suas potências de pensar as geografias, e neste sentido este exercício, de análise fílmica, pode ser importante para pensarmos nossas as nossas aulas.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Ovídio de. **O fora e o signo**. O que nos faz pensar n°22, novembro de 2007.
- DELEUZE, G. **A Imagem-movimento, cinema 1**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- DELEUZE, G. **A imagem-tempo, cinema 2**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990
- DELEUZE, G. **Conversações, 1972-1990**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.1**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador, EDUFBA, 2008
- GALLO, Sílvio; FIGUEIREDO Gláucia Maria. **Entre maioria e minoria: as regiões de fronteira no cotidiano escolar**. APRENDER - Cad. de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, Ano IX, n. 14, p. 25-51, 2015.
- GODOY, A. **A menor das ecologias**. São Paulo: Edusp, 2008a.
- HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. **A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari**. GEOgraphia, Vol. 4, No 7, 2002, p.7-22.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- PIMENTA, Thiago A. de S. **Imagem e Linguagem Geográfica: A Questão Ambiental no Cinema Atual**. Dourados: UFGD, 2014.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo, Ática, 1993.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de S.; MENEZES, Maria P. (Orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, P.23-72.